

Brasília

Antropólogo revela os mitos da nova capital

Na próxima terça-feira, a Fundação Pró-Memória de Brasília promoverá mesa-redonda sobre Pesquisa Antropológica coordenada pela professora Marisa Paisano da UnB. O encontro visa, basicamente, difundir os trabalhos realizados por alunos e ex-alunos de pós-graduação da Universidade de Brasília, voltados para a pesquisa antropológica no Distrito Federal.

Orlando Pilate, 38 anos, ex-aluno de pós-graduação da UnB e atualmente funcionário do Ministério de Educação e Cultura, onde desenvolve um programa de avaliação da reforma universitária, participará do debate com a apresentação de sua tese defendida na Universidade em 1975: Representação Urbana: O caso de Brasília.

JBr — Professor qual é o objetivo desta mesa-redonda que se realiza pela primeira vez aqui em Brasília?

O.P. — A professora Marisa Paisano, coordenadora do simpósio, quando me propôs participar do debate revelou que, junto com ex-alunos de pós-graduação em Antropologia e alunos que desenvolveram pesquisa nesta área, pretendia mostrar, para as pessoas envolvidas ou interessadas neste aspecto de pesquisa, os trabalhos já feitos aqui em Brasília. Além disso pretendemos, através deste simpósio, mostrar para a sociedade brasiliense, de modo geral, a produção do antropólogo, assim como a contribuição que seus trabalhos podem oferecer para a sociedade.

JBr — De certa forma o que intriga um pouco as pessoas quando se fala em Antropologia em Brasília é o fato de entendermos, ou cultivarmos o senso comum, que Antropologia é sempre o estudo de civilizações antigas ou culturas milenares, e Brasília é uma cidade nova com história recente.

O.P. — É, isso costuma ocorrer, pois a imagem difundida do antropólogo é a do pesquisador que trabalha com índios ou com sociedades que não existem mais. No entanto o antropólogo hoje tem procurado trazer a metodologia científica para o estudo de aspectos urbanos da nossa sociedade, interessando-se pelas mudanças bastante recentes na história do homem. As mudanças de estágios da civilização como, por exemplo a integração do campesinato na sociedade urbana, fato de acontecimento relativamente recente que prossegue até os dias atuais. Dentro da sociedade moderna mesmo, existem aspectos

relevantes para estudo pesquisa: a formação de pequenos grupos de jovens, de trabalhadores. As maneiras como eles interpretam e se relacionam com a sociedade onde estão inseridos são fatos extremamente importantes para se apreender o tipo de sociedade onde nós vivemos.

JBr — E qual foi o aspecto que você desenvolveu em sua tese? Exatamente o que em Brasília despertou o seu interesse?

O.P. — Baseado na categoria da representação e do mito, trabalhei a minha tese em cima das contradições da sociedade que se formou em Brasília. Ou seja, os agentes e mitos que, de certa forma, encobriam e encobrem a defasagem entre a ideologia do "plano" urbanístico que criou Brasília e a realidade do indivíduo no dia-a-dia desta cidade. É um trabalho sobretudo voltado para as contradições dos discursos em relação a prática na nossa sociedade envolvendo o aspecto urbano da Capital Federal.

JBr — A proposta do trabalho era, de certa forma a comparação entre a experiência de vida dos funcionários vindos de outras cidades e a "nova vida" em Brasília?

O.P. — Sim, de certa forma. O universo que escolhi para estudo estava centrado em funcionários públicos, moradores de dois blocos da Asa Norte e transferidos do Rio de Janeiro, cariocas ou não, mas todos com experiências de vida naquela cidade.

Mas essencialmente o aspecto mais interessante da pesquisa era como estavam sendo elaboradas as contradições que essas pessoas encontravam aqui. Como estavam interiorizando o discurso das autoridades, no caso do Governo do Distrito Federal, ao mesmo tempo em que o rejeitavam, já que a proposta de vida na Capital era algo completamente distinto da experiência que traziam. Se por um lado, esses funcionários transferidos aceitavam o plano de Brasília, pois muitas vezes lhes oferecia condições muito melhores a nível habitacional, de transporte e infra-estrutura para trabalho, por outro, o rejeitavam porque não encontravam os mesmos aspectos do Rio de Janeiro.

JBr — E como eram elaboradas essas contradições?

O.P. — Ao longo da pesquisa, conclui que não havia uma simples contradição a nível prático de vida, no sentido de construção habitacional. A contradição estava centrada no discurso mítico das autoridades que apresentavam uma cidade ideal com uma carga ideológica muito distinta.



Orlando: as críticas não negam a cidade. Eles apresentavam categorias que aos poucos eram assumidas pela população.

JBr — Seria o discurso da nova civilização, a construção urbana socializada, a construção de uma capital do milagre, de uma nova era que surgia no Brasil?

O.P. — Exatamente, era a época do milagre, do grande, do ambicioso. As próprias distorções que surgiam no projeto original eram capitalizadas pelos discursos dos governantes e assimiladas pela população. Desta forma embora eles rejeitassem os espaços vazios, os desertos da cidade e querassem voltar para o Rio em busca da condensação de pessoas, de multiplicidade de ofertas eles acatavam a contradição. Aqui mal ou bem tinham algumas comodidades mais difíceis de serem alcançadas na sua cidade de origem. No concreto as pessoas admitiam ter uma interpretação contraditória do espaço. Ao mesmo tempo que o negavam, em que discordavam dos grandes vazios da Esplanada por exemplo, assimilavam os discursos das autoridades, valorizavam as formas arquitetônicas e as aceitavam como bonitas.

JBr — De certa forma a Esplanada do Ministério reproduz em aparência a essência do discurso grandiloquente do construtor ou idealizador de Brasília.

O.P. — Exato. E a própria população aprendeu a interpretar o aspecto arquitetônico da capital como o espaço monumental, representante da grandeza do Brasil do Século XXI.

JBr — De alguma forma estas con-

tradições experimentadas pelos funcionários transferidos não seria também "resolvida" pelo discurso mítico da "Nova Era", Brasília a cidade do futuro e estas outras teorias que desenvolveram sobre a nova capital?

O.P. — Acho que isto também poderia acontecer, não foi exatamente o ponto central de meu trabalho. Existem colegas aqui mesmo da UnB que fizeram trabalhos sobre a ufologia em Brasília, as religiões de maneira geral. Há o estudo de uma antropologia sobre o Vale do Amanhecer.

JBr — Como você aborda a teoria da interferência do antropólogo no dia-a-dia da sociedade?

O.P. — Através destes trabalhos elaborados sobre Brasília, as críticas que desenvolvemos sobre a sua organização, o seu plano de construção, não é uma forma de negar a cidade, mas a maneira de estudarmos os fenômenos sociais aqui existentes. Contribuímos através da nossa análise, com projetos para a solução de problemas que a população e administração da capital enfrentam diariamente. A antropologia pode contribuir para resolver os problemas de algumas pessoas. Existe um trabalho sobre as invasões ao redor da cidade que pode ser utilizado como parâmetro para se encontrar uma saída prática para as pessoas que experimentam aquela situação.

JBr — Quando a antropologia toma este caminho não se confunde um pouco com a sociologia? Onde começa uma termina a outra?

O.P. — A sociologia foi se formando em cima do trabalho do antropólogo, trabalhando com conhecimentos desenvolvidos pela antropologia. Desde o início do seu desenvolvimento estas duas áreas estão imbricadas. Mas a sociedade ocidental ou ocidentalizada ficou preocupada com a antropologia enquanto o estudo das colônias, ou seja, tinham a preocupação de conhecer a história do homem como um todo e entendiam que as "culturas exóticas" de certa forma forneceriam elementos para se atingir este conhecimento.

Mas à medida que a população foi se desenvolvendo, os problemas começaram a se unificar. Na Amazônia por exemplo, embora antropólogos e sociólogos utilizem uma metodologia distinta em seus trabalhos, os seus estudos de certa forma chegam a se esbarrar. O objetivo é diferente em sua instância final, mas os trabalhos do sociólogo e do antropólogo são vizinhos.